

A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO DA CIDADE DO RECIFE ATRAVÉS DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DA REVISTA "A PILHÉRIA"

Silvania Maria da Silva[1]

RESUMO

A imagem fotográfica é uma documentação aliada da pesquisa. Esta traz à tona a prova do registro de um momento vivido, remetendo as lembranças ou apresentando um fragmento congelado de uma cena histórica para a reconstrução da memória, ou seja, é um recorte espaço-temporal imagético do passado que resgata a memória individual e/ou coletiva. Este trabalho visa proporcionar uma análise histórica e imagética sobre a importância das imagens fotográficas da revista "A Pilhéria", do acervo digital *online* da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), a fim de servir de subsídio para discussões que dizem respeito à memória coletiva da cidade do Recife. A referida revista foi editada e comercializada, na capital pernambucana, entre as décadas 1920 e 1930, período de sua circulação. A pesquisa objetiva uma discursão referente à conservação da memória através da instrumentalização da imagem fotográfica para compor as identidades culturais da respectiva cidade. Diante desse quadro, a importância da pesquisa é procurar responder à seguinte pergunta: como a identidade da cidade do Recife foi construída através das imagens fotográficas da revista "A Pilhéria"?

Palavras-chave: história do Recife; memória; fotografia; décadas de 1920 e de 1930.

Introdução

Há uma lacuna nos acervos públicos, esta pouco explorada no que concerne às imagens fotográficas de Pernambuco como um todo – e do Recife em particular – no primeiro quartel do século XX. Em muitos casos, estes documentos estão acessíveis, mas nem sempre disponibilizados adequadamente de forma a permitir sua busca e recuperação de modo organizado, identificável ou minimamente categorizado. Esta realidade é ainda mais evidente,

---

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História (Unicap), graduada em Comunicação Social (Unicap) e especialista em Artes Visuais: cultura e criação (Faculdade do Senac).

quando se considera em relação aos poucos acervos digitalizados e acessíveis *online*. Diante desse quadro, consideramos de interesse memorial para esta região a análise dessas imagens fotográficas dispersas em um *corpus* restrito e bem identificado. Guimarães Neto (2006: 45), salienta que:

> A prática do historiador se redefine diante da conquista de novos territórios, da diversidade dos procedimentos metodológicos e das abordagens historiográficas contemporâneas. Porém, mais que nunca a qualidade da produção histórica aparece diretamente relacionada às questões propostas ou ao questionário elaborado pelo historiador, o qual precede a escolha de um *corpus* documental orientando-o na análise e crítica das fontes, garantindo, por assim dizer, a pertinência e as condições de uso da documentação.

Iniciamos a prospecção desse conjunto no material impresso publicado nos exemplares da revista "A Pilhéria", que abrange o período de 1923 e 1930, do acervo digital disponível *online* da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), em que nosso recorte temporal é a década de 1920.

De acordo com Resende (1997: 26, 33-34), um fato importante para a história da cidade é que a década supracitada se inicia com a memória das greves realizadas em 1917 e 1919, estas atuadas pelos trabalhadores. Porém, as reinvindicações continuam em 1920, nesse estoura a greve na Great Western, em 22 de março, o motivo desta foi à solicitação por aumento de salário. A companhia não acatou o pedido dos trabalhadores. Também a Tramways -trata-se de outra empresa- que passou pelo mesmo processo, ambas estrangeiras, eram responsáveis por: transportes, telégrafo e luz; e seus serviços não eram satisfatórios para os consumidores. Quanto a esse fato, o autor nos faz uma ressalva, "As greves dão ao Recife a atmosfera de uma cidade moderna e reivindicativa, mas têm suas especificidades." (RESENDE, 1997: 34).

Segundo Souza Barros (1985: 154), o movimento modernista do Nordeste era situado praticamente no Recife, no inicio dos anos 1920, sendo a cidade considerada a 'capital regional'; ocupando lugar de destaque como centro de produção e irradiação de cultura no

Nordeste. Continuando suas observações, o autor diz ainda que o Recife "era uma cidade com emulação, com um porto de região, com livrarias que se orgulhavam de acompanhar o *vient-de-paraitre* de Paris e de outras Capitais europeias".

Vale ressaltar que essa época trata de um recorte temporal representativo da história do Recife, referente à tensão que se relacionava entre o moderno e o tradicional, conforme observação comentada por Resende (1997: 26). Ainda segundo o autor, dentro desse contexto, as tensões eram documentadas "[...] nos debates dos seus intelectuais, nas notícias e opiniões registradas na imprensa, no cotidiano invadido por certas invenções e hábitos modernos." (RESENDE, 1997: 26).

Partindo desse ponto, está se construindo uma análise histórica e imagética para identificar que tipo de sociedade é retratada nas imagens fotográficas, através do acervo imagético da revista "A Pilhéria", da instituição. Ressaltamos que não se trata só de uma produção técnica, é também uma produção para conservação e resgate da memória coletiva da cidade do Recife, como contexto informacional para construção, preservação e disseminação da informação histórica. Na compreensão de Guimarães Neto (2006: 26):

> [...] a relação entre a *memória e história*, entendendo que a *memória* não é um arquivo morto, nem um ponto de chegada – repleta de verdades desconhecidas e reveladoras -, mas instrumento de aprendizagem, com o qual se opera para dar movimento a certos fragmentos, iluminadores de estruturas e acontecimentos que tiveram lugar em uma determinada sociedade. [em itálico, no original].

Através dessas fotografias é possível reconhecer e analisar comportamentos sociais do Recife do início do século XX, em relação a questões de gênero, do papel da mulher na sociedade, das práticas religiosas, dos eventos sociais, de aspectos econômicos, urbanísticos e arquitetônicos da sociedade recifense da época; o que pode ser facilitado e instrumentalizado por meio de uma análise sistemática dessas imagens. De acordo com Couceiro (2012: 84), as cidades se modernizavam no início do século XX, e com isso surgiam modos de produção e condições de trabalho que se ampliavam para as diversas camadas da população. Imigrantes chegavam de variados lugares, por distintas razões, e com isso davam um novo formato ao panorama demográfico do Recife, tendo como efeito a mudança nos padrões de convivência e nas relações sociais na população.

Quanto ao quadro citado acima, Paulo Knauss (2006: 99) faz uma ressalva referendando-o através da obra *Visual culture: the reader* (1999), esta tem como organizadores Jessica Evans e Stuart Hall, cujo estudo é mapeado em três partes:

> [...] a primeira fornece elementos para indagar as retóricas da imagem e as técnicas do visível, a segunda trata da fotografia — o que indica a valorização dada pelos organizadores à reflexão sobre os meios técnicos na expressão visual — e a terceira

> trata das relações entre o olhar e a subjetividade para abordar questões como gênero e raça.

Salientamos assim, a importância da FUNDAJ, instituição repositório dos acervos que estão em processo de pesquisa, cuja origem está no Instituto Joaquim Nabuco – criado em 1949, que se tornou, em 1980, Fundação Joaquim Nabuco. Ao longo de sua existência tem agregado um imenso conjunto documental, possuindo extenso e relevante patrimônio histórico, artístico, científico e cultural, que tem sido alvo de pesquisas, produções culturais, mostras e ações pedagógicas, que por sua vez se dividem em arquivístico, bibliográfico e museológico. Frisamos que o acervo de natureza documental é fragmentado em micrográfico, informático, textual, cinematográfico, iconográfico, sonoro, fotográfico e audiovisual. Esses acervos guardam informações da memória histórica, social e cultural do Brasil, com ênfase na regionalidade sob a responsabilidade da diretoria de documentação da instituição. (ARAÚJO, 2010: 8). Com relação a esse panorama descrito, Knauss (2006: 102), informa que:

> A afirmação do universo do estudo da história das representações, valorizada pelos estudos da história do imaginário, da antropologia histórica e da história cultural, impôs a revisão definitiva da definição de documento e a revalorização das imagens como fontes de representações sociais e culturais. É nesse sentido que a historiografia contemporânea, em certa medida, promoveu um reencontro com o estudo das imagens.

Vale ressaltar que, o acervo da FUNDAJ manteve, por um bom tempo, a custódia de documentos. A instituição passou a descartar a cultura custodialística, aderindo à curadoria digital. Dessa forma, colaborou com a acessibilidade e autenticidade dos documentos em seus respectivos formatos para o uso social da informação. Galindo (2014: 38) afirma que "A formação de estoques de informação[2] em mídia digital impõe a necessidade condicional do desenvolvimento de estratégias de preservação e o princípio do acesso e uso social da informação".

A análise das imagens fotográficas das revistas do acervo digital *online* da FUNDAJ está sendo feita mediante critérios de organização preliminar, a partir do acervo em si; ainda que possam se apoiar em propostas correlatas, com a finalidade de proporcionar e estabelecer o conhecimento técnico e teórico.

O nosso trabalho reflete teoricamente sobre o resgate historiográfico da memória coletiva da cidade do Recife, através das imagens fotográficas presentes na revista "A Pilhéria" de modo a considerar personalidades, áreas de atuação profissional, vestuário, faixa etária, aspectos raciais, os usos do espaço público, as manifestações políticas, as personalidades, as atividades culturais entre outras. Dessa forma, contribui para a compreensão e

dimensionamento da historiografia, da sociologia, das artes visuais entre outras abordagens que se utilizam de acervos imagéticos da época. Como salienta Boris Kossoy (1999: 26) “o espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais”.

As fotografias custodiadas na revista supracitada, do acervo digital *online* da FUNDAJ, formam um rico acervo disponível para a sociedade – dentro do espírito do uso socializado da informação historiográfica – nos diz ainda Kossoy (2014: 35-36) que, para os estudiosos dos mais diversos campos disciplinares, são as imagens documentais “insubstituíveis, cujo potencial deve ser explorado”.

Criada em setembro de 1921, e impressa na tipografia do Jornal do Recife, de todas as revistas pertencentes ao acervo digital *online* da FUNDAJ, “A Pilhéria” foi a primeira a ser veiculada e conviveu com as demais nas suas respectivas fases. O periódico aborda literatura, esportes, vida social, política, concurso, crônicas, moda feminina, história para criança e cultura, tinham o caráter humorístico e trabalhava com caricaturas e charges políticas. (NASCIMENTO, 1982).

As revistas “A Pilhéria”, do acervo digital *online* da FUNDAJ perfazem um total de 176 exemplares que contêm, além de textos e anúncios publicitários, numerosas imagens fotográficas. Salientamos que, em algumas das revistas pertencentes ao respectivo acervo não consta números de página.

Ao se trabalhar a problemática do nosso estudo e desenvolver um processo curatorial das imagens fotográficas que constam no *corpus* formado pelo recorte da revista “A Pilhéria”, somente nas custodiadas no acervo digital *online* supracitado, que circularam entre 1923 e 1929, foi necessário identificar as bases teóricas para proporcionar uma leitura sobre o *corpus* fotográfico documentado. Kossoy (2014: 36) nos afirma que: “As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou”.

Diante desse contexto, esta pesquisa desenvolve uma análise histórica e imagética tendo como objeto de estudo os documentos fotográficos, do acervo *online* da instituição, proporcionando à divulgação, a disseminação, a pesquisa e a preservação da memória para o uso social da informação histórica. De acordo com Oliveira (2007: 80) “[...] o ponto de partida para a formulação de uma nova abordagem considera a disseminação e o acesso à informação como essenciais ao crescimento da sociedade”.

1. A imagem fotográfica como ferramenta na condição de suporte historiográfico

O material imagético digital *online* sobre a década de 1920, no Recife, Pernambuco, é escasso e pouco explorado. Esse período foi considerado a década da transformação. A ebulição cultural, novos espaços, as novas formas de diversão, as missas *chics* foram apresentadas, nessa década, a pobres e ricos, negros e brancos, homens e mulheres. (DUARTE 2000: 58).

Naquela época, dois movimentos feministas foram diagnosticados em Recife, entre os anos 1901 e 1930, os quais tiveram repercussão na imprensa pernambucana, são eles: a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, nesta atuava como líder a poetisa Edwiges de Sá; e a Cruzada Feminista Brasileira, tendo como fundadora Martha Hollanda. Estes andaram na contramão das normas sociais estabelecidas no período. As mulheres contavam com a imprensa como uma forma de ressoar seu discurso, de apoio e de divulgação das suas ideias. (BARBOSA *in* NASCIMENTO; LUZ, 2015: 144-145). Quanto a esta questão, a autora relata que no século XIX uma parcela das mulheres letradas foi inserida na imprensa, esse quadro reflete e dá continuísmo, nas primeiras décadas do século XX. Neste, o sexo feminino passou a ter mais voz e representação. (BARBOSA, 2015: 144-145). Barbosa (2015: 145) salienta ainda que, "Através dos periódicos, as mulheres recifenses transgrediram, transformaram e transmitiram valores estabelecidos por uma sociedade de padrões sexistas[2]". Os periódicos tiveram o papel de instrumento de reverberação no discurso sexista e, concomitantemente, foi um lugar de vez na condição de ferramenta de comunicação para transformação do comportamento social no combate ao machismo. Sobressaia nas publicações Heloisa Chagas, oradora da Cruzada Feminista Brasileira. A autora ressalta que: "As revistas *Cri Cri, Revista Pernambucana, Polyantho, Revista de Pernambuco, Rua Nova e A Pilhéria* são utilizadas como fonte documental por ganharem expressão nesse recorte temporal, por serem consideradas leituras sadias para as famílias, e por circularem nos espaços público e privado". [em itálico, no original]. (BARBOSA *in* NASCIMENTO; LUZ, 2015: 145).

Nos últimos anos, a utilização de imagens como fonte documental de evidência histórica para pesquisa vem crescendo, os historiadores não só têm trabalhado com esse material documental para "eventos políticos, tendências econômicas e estrutura sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc." (BURKE, 2017: 17). O autor nos diz que a imagem é uma ferramenta fundamental para ser usada nos campos supracitados, considerados relativamente novos, sem

ela não teria possibilidade de se realizar o estudo, caso os pesquisadores se detivessem apenas nas fontes tradicionais. (BURKE, 2017: 17). O historiador também nos motiva para aderir a esse tipo de fonte; mas, ao mesmo tempo nos alerta fazendo uma ressalva para as possibilidades dos riscos que ela pode proporcionar em uma interpretação equivocada e/ou mal apurada, com relação a uma análise referente à contextualização histórica registada na fonte. Quanto à fotografia o autor nos explica, salientando a importância dessa fonte como evidência da história ou ela em si, como a própria história. Argumentando o seguinte: "[...] fotografias podem ser consideradas ambas as coisas: evidenciada da história e história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado". (BURKE, 2017: 40).

A pesquisa é pautada no exame da revista "A Pilhéria", do acervo digital *online* da FUNDAJ, para identificar as imagens fotográficas ali veiculadas. Esta oferece subsídios para estudos sobre o acervo digital *online* da instituição. Para Kossoy (1999: 33) "A imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade". Batista Jr. (2009: 10) refere que a fotografia tem uma especificidade, quando diz que "Há um uso social, como a utilização de fotos de personalidade que se transformam em documentos oficiais, publicados em jornais, revistas e livros, quanto um mais pessoal, relacionado à memória de seres amados que não estão mais vivos".

A fotografia possibilita que se trabalhe o conceito de primeira e segunda realidade da fotografia no percurso do estudo: a realidade exterior e a realidade interior. O registro fotográfico de uma cena apresenta um fragmento da história consolidado na dramatização de um determinado espaço e tempo. Há, nele, informações que, por mais que sejam superficiais ou minúsculas têm seu grau de importância e de valor para contextualizar uma determinada época. Partindo desse princípio, pode-se constituir um trabalho de pesquisa e de resgate de informação historiográfica. Ainda de acordo com Kossoy (1999: 37):

> *O assunto representado* configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a *face aparente e externa* de uma micro-história do passado, cristalizada expressivamente. É esse aspecto visível a *realidade exterior* da imagem, tornada documento. É esta a sua natureza, comum a todas as imagens fotográficas e que se constitui em sua *segunda realidade* [em itálico, no original].

A análise das imagens fotográficas evidencia a distinção entre os conceitos da primeira realidade da fotografia compreendida como o passado, ou seja, a história particular do assunto e da segunda realidade da fotografia, que é o assunto representado. Esses dois conceitos contribuem para um estudo mais apurado no processo de construção teórica na elaboração da pesquisa imagética. Kossoy (1999: 37-38) relata que:

> A fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição da realidade visual do *assunto selecionado*, no contexto da vida (*primeira realidade*), para a realidade da representação (imagem fotográfica: *segunda realidade*); trata-se pois, também, de uma transposição de dimensões [em itálico, no original].

Por meio da segunda realidade pode-se resgatar a primeira, aquela auxilia para a recuperação da memória. Ressaltamos que, a memória coletiva através das imagens fotográficas estabelece conexões de rememorização. O resgate de informações individuais ou coletivas constitui uma construção historiografia, independente de qual o tipo de suporte que esteja proporcionando as informações ou evidências, seja ele pedra, carta, jornal, revista, rádio, televisão, fotografia, cinema, internet etc.. Tratando-se das imagens fotográficas, estas possibilitam proporcionar a reconstituição de uma história inteligível que fornece informações subsidiais para trabalhar no resgate da memória coletiva. A reconstrução do passado coletivo de uma sociedade proporciona alicerce para que haja uma leitura do presente e uma visão futurista, estruturando continuamente suas identidades, é como alega Cunha (2005: 77), ao comentar sobre a memória coletiva. O autor ainda defende que: "A memória coletiva é um elemento fundamental para a vida social, tanto para sua permanência quanto para sua reprodução e continuidade". (CUNHA, 2005: 77).

O ato do registro e o resultado do registro da imagem fotográfica remetem o operador (fotógrafo) e o *spectator* (espectador) ao passado, naquele foi aplicado uma bagagem de conhecimento adquirida na vivência, tanto na execução da primeira e segunda realidade da fotografia quanto na leitura em que estes buscam informações e referências direta e indiretamente, que estão agregadas na memória, seja no ato fotográfico ou interpretação da imagem fotográfica. Barthes (1984: 48) relaciona a fotografia com os mitos do fotógrafo; este dota a produção do registro imagético de funções: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade. Ainda referente à questão supracitada, Rodrigues (2007: 70) alega que a interpretação do receptor (espectador) terá influencia através das "suas próprias imagens mentais e por todo o aparato cognitivo, cultural, ideológico, religioso, político etc., que adquiriu durante os anos e que são parte de sua vida". Para Barthes (1984: 13) a fotografia é inclassificável, esta é a reprodução ao infinito, inédito, existência singular e única, ou seja, "ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente". O autor relata que a fotografia "fornece de imediato esses 'detalhes' que constituem o próprio material do saber etnológico". (BARTHES, 1984: 49).

O uso de imagens fotográficas digitalizadas preserva e reproduz as imagens fotográficas originais, desse modo é proporcionado, quando desejado, a disseminação destas. De acordo

com Galindo (2014: 38), “A preservação digital é um reflexo das novas demandas surgidas com o aporte de tecnologias digitais”. Ao se trabalhar com acervos em bases de informações digitais, agiliza-se o processo de construção de conhecimento e prolonga-se a sobrevivência dos dados cadastrados. Bishop e Squier, citados por Tammaro e Salarelli (2008: 16), afirmam:

> As mesmas características que tornam livros e revistas instrumentos cômodos para disseminar informações tornam-se vantajosas quando se trata de garantir sua sobrevivência. O conteúdo intelectual de um livro ou de uma revista não pode ser anulado ou alterado. Suas probabilidades de sobrevivência são as do livro ou da própria revista como objetos físicos; e como a tecnologia da imprensa implica a reprodução dos textos em múltiplos exemplares, que em seguida se dispersam geograficamente, existe uma alta probabilidade de que pelo menos um desses exemplares sobreviva.

Essas informações contidas em seus respectivos suportes, independentes da linguagem das mesmas, requerem a organização e identificação de seus conteúdos através de uma análise técnica, de uma interpretação imagética, e de uma leitura historiográfica para realizar uma sistematização necessária para sua disseminação e para seu uso pela sociedade. Com relação a essa questão, Marteleto (2003: 6) alega que, o saldo da produção de interpretação executada pelo pesquisador “resulta mais em uma rede com pontos de reflexão que apontam caminhos do que em modelos e métodos que antecipam saídas”. Ainda dentro desse contexto, Buckland (1991: 4) registrou:

> Num determinado aspecto a informação é usada como evidência do aprendizado – como base para a compreensão. Conhecimento e opiniões são afetados pelo que se vê, lê, ouve e experimenta. Livros de exercícios e enciclopédias fornecem material para uma introdução; textos literários e comentários são fontes para o estudo de língua e literatura; séries de dados estatísticos fornecem dados para cálculo e inferência; códigos de direito indicam a lei; fotografias mostram pessoas, lugares e eventos; citações e fontes são verificadas. Em cada caso é razoável vislumbrar informação-como-coisa como evidência, embora sem implicar que o que foi lido, visto, ouvido ou percebido ou observado tenha sido necessariamente exato, útil ou pertinente aos propósitos do usuário. Não há garantias de que o que o usuário acreditou (ou deveria) ou concordou com o que foi observado.

Através de uma ótica mítica, a web é identificada como um ambiente da memória social, considerada como um espaço promissor e produtivo de estudos referentes ao “comportamento e as propriedades dos meios de produção do conhecimento sejam eles de natureza histórica, artística ou técnica”, endossam Dodebei e Gouveia (2008: 96). A acessibilidade e os compartilhamentos de informações por meios digitais, através de seus canais de comunicação, facilitam seu uso e constituem em si boa parte da justificativa da ferramenta. Tammaro e Salarelli (2008: 146) relatam que:

> O sistema de biblioteca digital, sua representação na comunidade pertinente, e o uso que dela faz o usuário se influenciam reciprocamente. Podemos afirmar que as

> tecnologias sozinhas tendem a empobrecer a humanidade, se não forem combinadas, com o desenvolvimento cultural e social das pessoas e seu contexto.

Os autores Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009: 2) ressaltam que a utilização de documentos em estudos é para ser apreciada e valorizada. Ainda salientam que "A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural". Razão por que se buscou apoio nessa área, visando ao acompanhamento de imagens fotográficas que retratem a evolução de um período da sociedade recifense.

REFERÊNCIAS

Bibliografia de citação:

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Arquivo Joaquim Nabuco***:** Memória do Mundo da Unesco 2008. Fundação Joaquim Nabuco. 2. ed.. Recife, 2010.

BARBOSA, Izabelle Lúcia de Oliveira. *Entre rastros e Rostos:* Presença das mulheres nas revistas recifenses no início do século XX. In LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do (Org.). *As mulheres na cidade do Recife:* feminino, cultura e transgressão (1870-1935). Recife, PE: EDUFRPE, 2015.

BARROS, Souza. *A década de 20 em Pernambuco***.** Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATISTA JR, Natalício. *Fotografia e Memória:* Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. *Revista Belas Artes*, São Paulo-SP. Ano 1, n.1, set-dez 2009. ISSN 2176-6479. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf >. Acesso em: 06 set. 2016

BAUER, Martins W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

BUCKLAND, M.K. *Information as thing.* Journal of the American Society for Information Science (JASIS), v. 45, n.5, p. 351-360, 1991.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular:* o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

COUCEIRO, Sylvia. *Entre festas, passeios e esportes:* o Recife no circuito das diversões nos anos 1920. In REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da; BARROS, Natália (Org.). *Os anos 1920:* história de um tempo. Recife: Universitária UFPE, 2012.

CUNHA, Vieira Neiva. *Viagem, experiência e memória:* narrativas de profissionais da saúde pública dos anos 30. Vivência Revista. UFRN/CCHLA. Natal: RN. nº 28, 2005. Memória.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Contribuições das teorias da memória para o estudo do patrimônio na web. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (Org.). *A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação.* São Paulo; Marília: Editora Cultura Acadêmica; Fundepe; FAPESP, 2008.

FUNDAJ. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 13 out. 2015.

GALINDO, Marcos. O Dilemma do Pharmacon. *Ciência da Informação*, v. 41, n. 1 abr. 2014. ISSN 1518-8353. Disponível em: < revista.ibict.br/ciinf/article/download/1350/1529>. Acesso em: 13 out. 2016.

GUIMARÃES NETO, Regina B. *Cidades da mineração.* Memórias e práticas culturais (Mato Grosso na primeira metade do século XX). Cuiabá: EDUFMT, 2006.

KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer história com imagens:* arte e cultura visual. Artcultura - Revista do Instituto de História da UFU, Uberlândia, v. 8, n. 12, p.97-115, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história.* 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica***.** São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

MARTELETO, R. M. Informação da sociedade na sociedade da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação,* v. 8, p. 4-7, 2003. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/6604>. Acesso em: 03 ago. 2016.

NASCIMENTO, Luiz. *História da imprensa de Pernambuco.* Recife: Arquivo Estadual, 1982. 14 vol. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&Itemid=460> Acesso em: 23 out. 2015.

OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães. *O Uso Social da Informação na Rede de Desenvolvimento de Santo Amaro.* 2007, p.160. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Serviço Social, Recife. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/9555/arquivo8284_1.pdf?sequence=1 Acesso: 02 ago. 2016.

RAMOS, Luciene Borges. *Centros de cultura, espaço de informação:* um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. **Descanto moderno:** história da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. *Análise e tematização da imagem fotográfica*. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1006/737>. Acesso em: 30 ago. 2016.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. *Pesquisa documental:* pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, n. 1, 2009.

SILVA, M. R. A. O. P. Memória e fotografia: um estudo sobre informação visual em São Carlos (sp). *Informação & Sociedade:* Estudos, v. 10, n. 1, p. 105-141, 2000. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/2766>. Acesso em: 03 ago. 2016.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital.* Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

Bibliografia preliminar:

BORKO, H. *Information Science**:** What is it? American Documentation*, v.19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BRAGA**,** José Luiz. *Para começar um projeto de pesquisa***.** Comunicação & Educação. Ano X, n. 3, set/dez 2005.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica:* teoria da ciência e iniciação **à** pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011**.**